

RESENHA DA OBRA DE RACHEL DE QUEIROZ

# O QUINZE



Dedicado aos amigos do Clube de Leitura de Maringá, que debateu essa obra em junho de 2017.

O Clube de Leitura se reúne todo primeiro sábado do mês, para discutir um livro previamente eleito. É aberto a todos os interessados. Saiba mais sobre nós [aqui](#).

ALBERTOSANTOS.ORG 

Este material é publicado  
nos termos da licença  
[Creative Commons CC-BY-SA 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/)

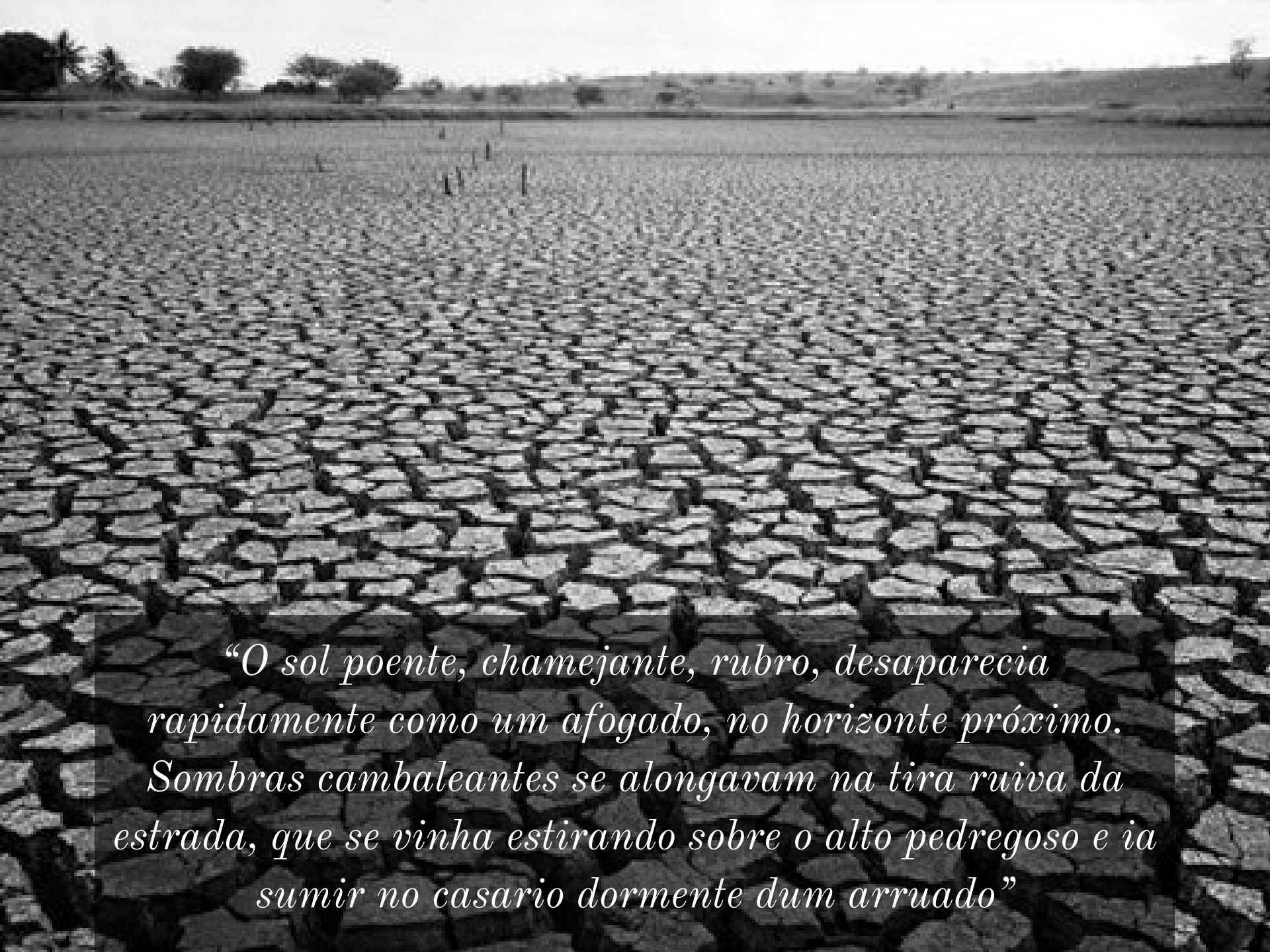
última atualização: 3 junho 2017





## SUMÁRIO

1. [terra seca e homens secos](#)
2. [a grande seca da alma](#)
3. [forte e dócil, o boi bípede](#)
4. [preconceitos](#)
5. [mulheres da seca](#)
6. [o estilo de Rachel](#)
7. [um trecho da obra](#)
8. [mapa de personagens](#)
9. [símbolos, temas, motivos](#)  
[créditos das imagens](#)



*“O sol poente, chamejante, rubro, desaparecia rapidamente como um afogado, no horizonte próximo. Sombras cambaleantes se alongavam na tira ruiva da estrada, que se vinha estirando sobre o alto pedregoso e ia sumir no casario dormente dum arruado”*



LITERATURA | RESENHA

# 15: O ANO DA GRANDE SECA

*Na obra prima de Rachel de Queiroz, a grande calamidade da seca emoldura um estudo do ser humano e da condição feminina*

Não é a seca, exatamente, o tema principal do grande livro que Rachel de Queiroz, aos 19 anos, publicou em 1930. O flagelo, como a epidemia de cegueira do livro de Saramago, a peste do livro de Camus, o apocalipse zumbi das séries televisivas, a catástrofe nuclear e a invasão extraterrestre que o cinema do tempo da Guerra Fria esperava, é uma das grandes calamidades destruidoras da ordem, que servem de pretexto, na obra literária, para romper o verniz de civilização que

recobre o ser humano, e mostrá-lo a nu, sem máscara, como realmente é. O livro mostra, sim, todo o sofrimento que a seca desencadeia. Mas mostra principalmente as reações dos diferentes personagens diante da tragédia, e traça, com isso, um perfil de

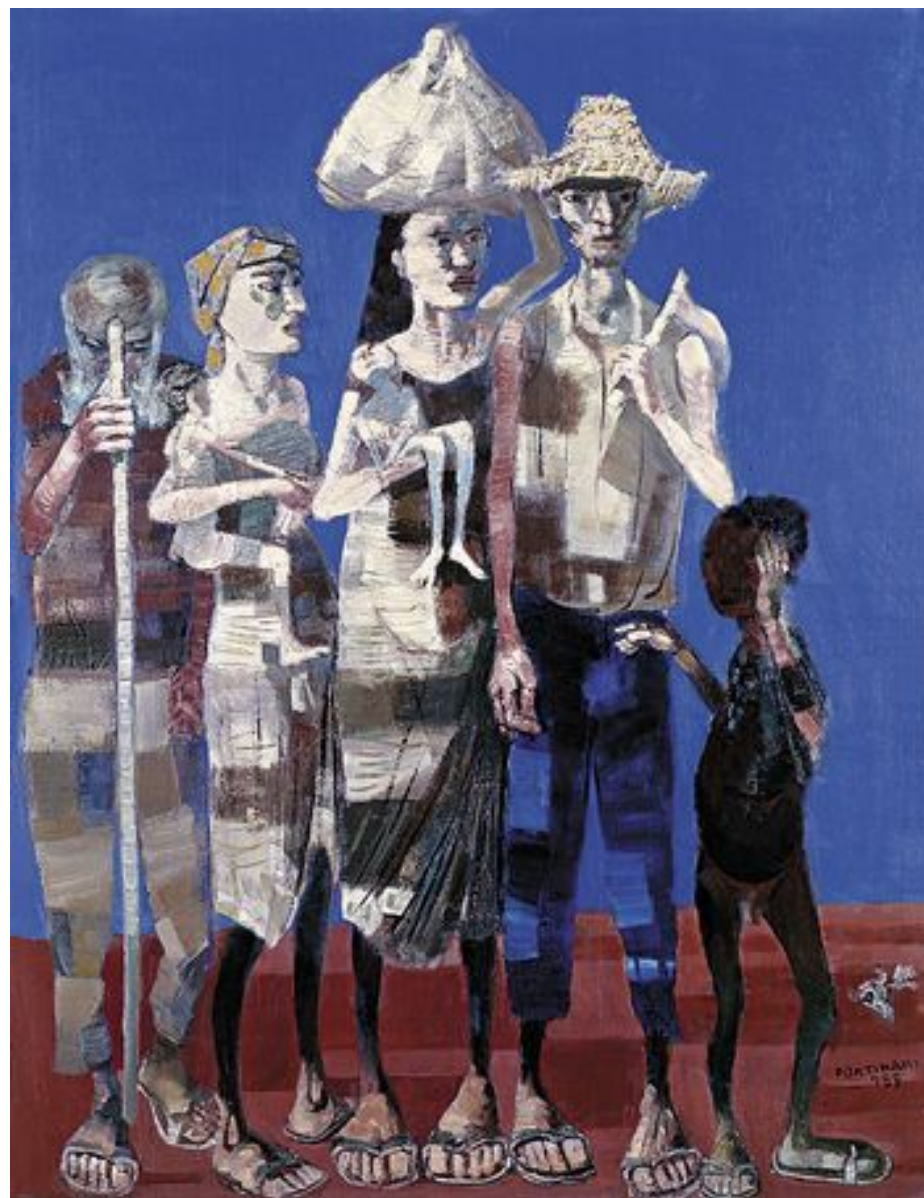
certos caracteres humanos.

Esses perfis funcionam como uma radiografia do fenômeno humano. Ali encontramos os homens e mulheres de bem sendo desumanizados pela fome e pelo desespero;



os aproveitadores que se beneficiam da tragédia alheia; os indiferentes; e surge até, às vezes, a inesperada generosidade, vindo não só dos abastados, mas também dos mais maltratados pela miséria.

Essa é a grande esperteza do livro de Rachel de Queiroz: não é a história de uma catástrofe climática, é uma história de pessoas. Ali encontramos o patrão “do bem”, o herói, que sofre a tragédia da seca irmanado com o gado e os peões, abraçando voluntariamente a mesma sorte deles apenas por uma questão de honra sertaneja que ninguém mais entende. E encontramos o patrão “do mal”, a fria madrinha Marocas, que, diante da seca, manda jogar no mundo bois e homens, para morrerem à míngua. E o faz de longe, por carta, sem nem ver de perto o que significa aquele flagelo. Para o grande painel se apresentam também o vaqueiro





forte, sóbrio e crente, e sua família tão resistente e dócil como o gado que tangiam; esses, a tragédia vai animalizando

e privando da dignidade, da esperança e da humanidade.





*“Ai, minha comadre, eu lá sei como vou!...  
Parece que ainda estou viva...”*



Enquanto relata o roteiro trágico da retirada da família Bento, o livro entremeia esse drama com o outro, o drama íntimo, que é, provavelmente, a razão de ser do livro. O 15 não é só o ano da grande seca. É o ano em que a protagonista Conceição descobre quem é, e descobre o que não pode ser. Esse pequeno romance, quase inexistente, meramente insinuado,

ensaiado, imaginado mas nunca posto em prática, entre Conceição e Vicente, termina ali, no meio da seca, como se fosse mais uma vítima do flagelo e das revelações que ele força as gentes e ter e a fazer. As esperanças do amor de Conceição e Vicente murcham e secam ao mesmo tempo que as esperanças e as vidas da família Bento, e por força dos mesmos encontros e

desencontros que a seca promove. É o acaso gerado pela seca que põe ao alcance de Conceição o boato acerca da infidelidade de Vicente. E esse boato leva à primeira reflexão séria sobre a viabilidade da união de duas pessoas tão diferentes como o campo e a cidade, o rústico e o sofisticado, a lida bruta das bestas do campo e a abstração delicada dos estudos literários. Conceição e Vicente representam cada um um mundo, o urbano e o rural, o culto e o agreste, o duro e o macio, a rude lida ao sol no campo frente ao suave labor intelectual

na sombra da biblioteca. O sertanejo bruto que cultiva a terra não fala a mesma língua da moça estudada que cultiva a alma.

E esse contraponto permanente entre o drama grande e o pequeno que faz do livro mais que um relato de misérias. Mas qual será, ali, o drama grande? É certo que a jornada de Chico Bento e sua família desgraçada é muito mais pungente, para o leitor, porque é pontuada de morte, perda, sofrimento físico e emocional. São horrores públicos, visíveis, que eles passam. Mas o



livro começa e termina com Conceição. É o livro dela, óbvia preposta da autora, ela mesma uma moça culta e precoce procurando um “ambiente” num mundo masculino e ignorante. Toda literatura é autobiográfica e um livro pode falar de tudo, mas nunca deixa de falar principalmente do seu autor. E quando o autor escolhe uma protagonista tão facilmente identificável com ele, é claro que o drama íntimo, só insinuado, calado, dessa protagonista, tem mais significado, no contexto da obra, que as grandes calamidades que lhe servem de pano de fundo.

Assim, embora a tragédia dos retirantes seja muito bem narrada ali, no livro o que mais me impressionou foi a sutileza, a delicadeza, com que o drama de Conceição e Vicente é explicado: sem muita explicação, com mais sugestões que

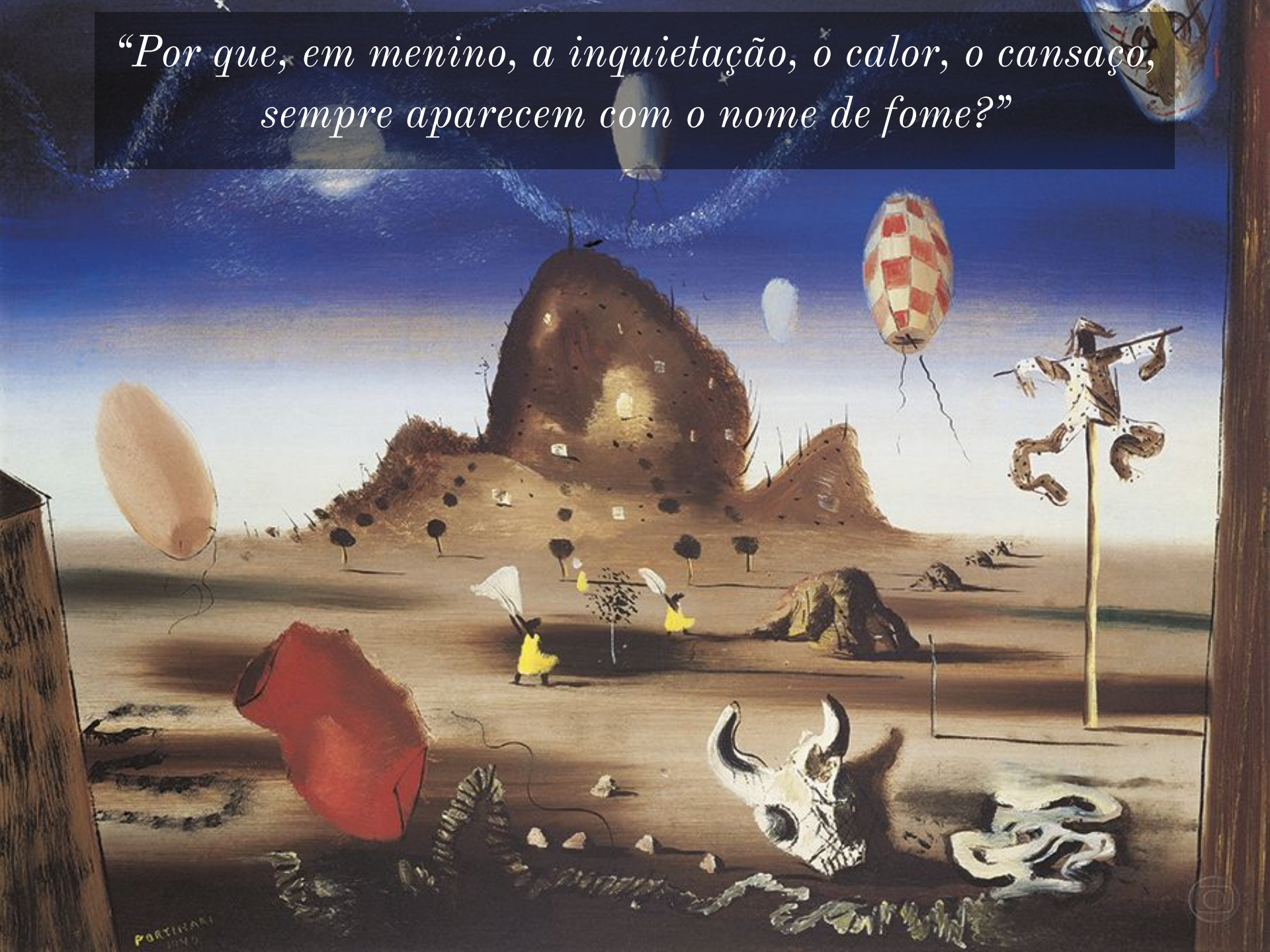


descrições. E é um drama também pungente, porque é a história de uma jovem mulher que se descobre sozinha porque, à custa de crescer em meio aos livros do avô, se desirmanou do resto da manada, e enxerga a vida de um ponto de vista diferente. Conceição-Rachel se descobre e confessa, ali, como diferente, deslocada, sem igual, e, por isso, fadada à

solidão. Nem o primo forte e bom, nem o dentista refinado e pedante, nem a avó doce mas ignorante, nem as primas fúteis, ninguém é par para ela. O 15 traz para ela essa grande seca da alma, a descoberta de um destino de solidão. Cujas soluções talvez seja a mesma dos flagelados da outra seca, a literal: a retirada, a busca de uma vida em outro lugar, longe da terra natal.



*“Por que, em menino, a inquietação, o calor, o cansaço,  
sempre aparecem com o nome de fome?”*



O relato de Rachel de Queiroz, como outros relatos da seca e do sertão, descreve o sertanejo como fez Euclides da Cunha: antes de tudo, um forte. Mas esse relato, como o de Graciliano nas "Vidas Secas", enfatiza outra característica do sertanejo, a docilidade, "aquela calma sofredora, suave, que escondia tanta reserva de resistência". Não é de se admirar que o vaqueiro e sua gente mostrem afeto pelos bois, todos batizados e íntimos da casa; forte e dócil, o sertanejo é quase bovino. Aceitando sem reclamar a dureza do clima e dos homens, ruminando uma reza enquanto arrasta o corpo faminto à procura de pasto, mastigando o que acha pelo chão, o retirante é mais um boi solto na caatinga abrasada; amontoados num curral humano, à espera do abate ou da ração, o que vier primeiro, os retirantes são uma manada, uma boiada bípede incapaz de qualquer rebelião.





Tanto é assim que morrem de fome, mas não matam para comer os animais que o patrão mandou soltar para morrer de sede e fome. Por que não abatem e comem esses animais? Porque são do patrão. Patrão é

coisa sagrada, a ser carregada num andor, como os empregados carregam a avó Inácia dizendo: "Minha madrinha não tem os seus caboclos pra carregarem a senhora? Por que se havia de botar animal, tendo nós?"

Oral DO Distrito. 20-6-32 p. 1

## O EFETIVO DOS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO DOS FLAGELADOS

Pelos ultimos dados recebidos oficialmente, o efetivo de flagelados nos diversos campos de concentração deste Estado conta-se da seguinte maneira :

Ipú	6 507
Fortaleza	1 800
Quixeramobim	4 542
<u>Senador Pompeu</u>	16.221
Cariús	28 648
Buriti	16 200
Total	73.918

Com Vistas ao | Homens



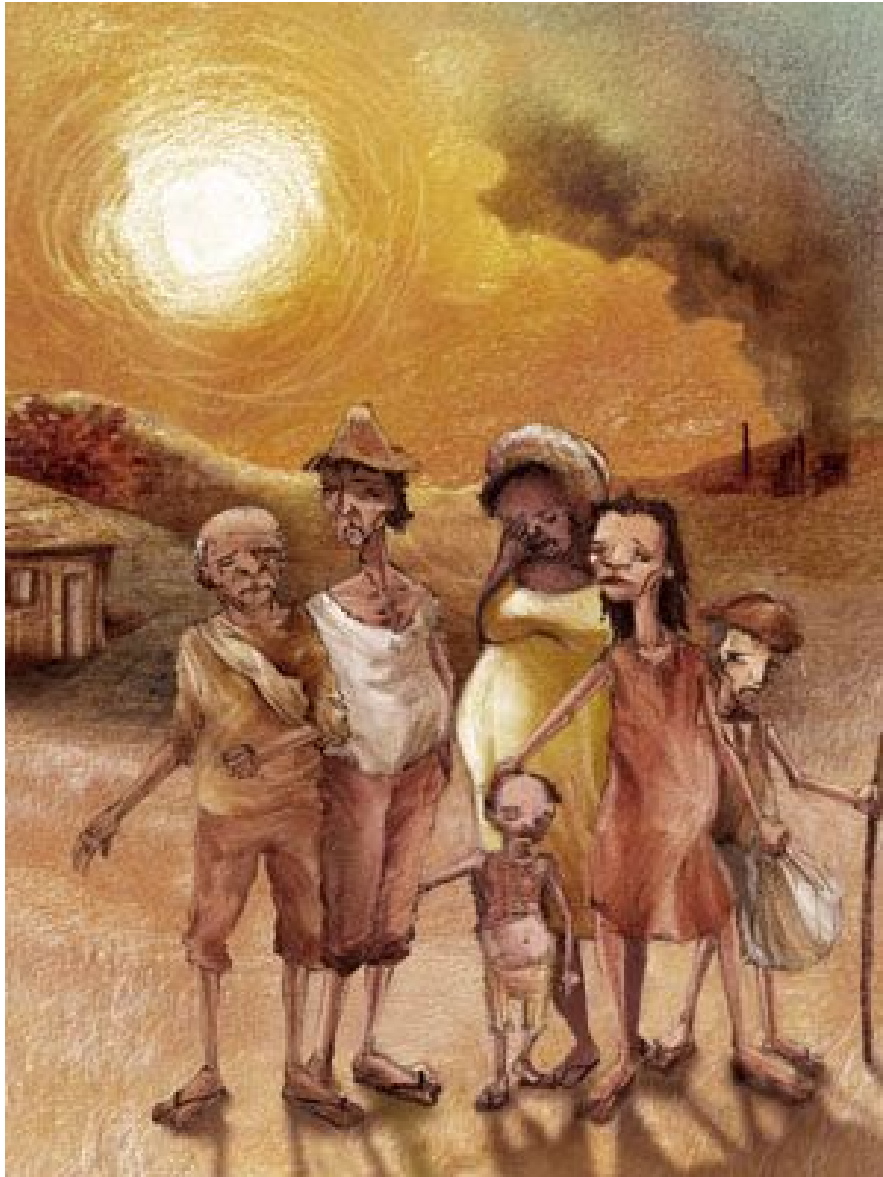
*“a avó encolhia os ombros  
e sentenciava que mulher que não casa é um aleijão”*

O livro também não tem pudor de mostrar o atraso intelectual da elite culta, pois até a bondosa avó-mãe é retratada como ignorante, supersticiosa, cheia de preconceitos. Até para ela, que é “boa”, o esforço de Conceição para ajudar os flagelados é incompreensível. Até para o miserável trabalhador do porto que, por ser um dos muitos miseráveis, deveria ser capaz de sentir gratidão, o choro de uma moça branca e “de bem” ao despedir-se de um bando de gado humano é absurdo. Até os preconceitos da própria protagonista são expostos, pois ela, mesmo sendo altruísta, capaz de sacrifício pessoal para ajudar os mais carentes, não deixa de se enojar ao saber que o amado andava “se sujando com negras”, com “uma cabra, uma cunhã à toa, de cabelo pixaim e dente podre”. Não é a infidelidade, propriamente, que a enoja, mas o fato de o primo encostar-se a uma pele negra de uma não-pessoa, uma “cabra”.





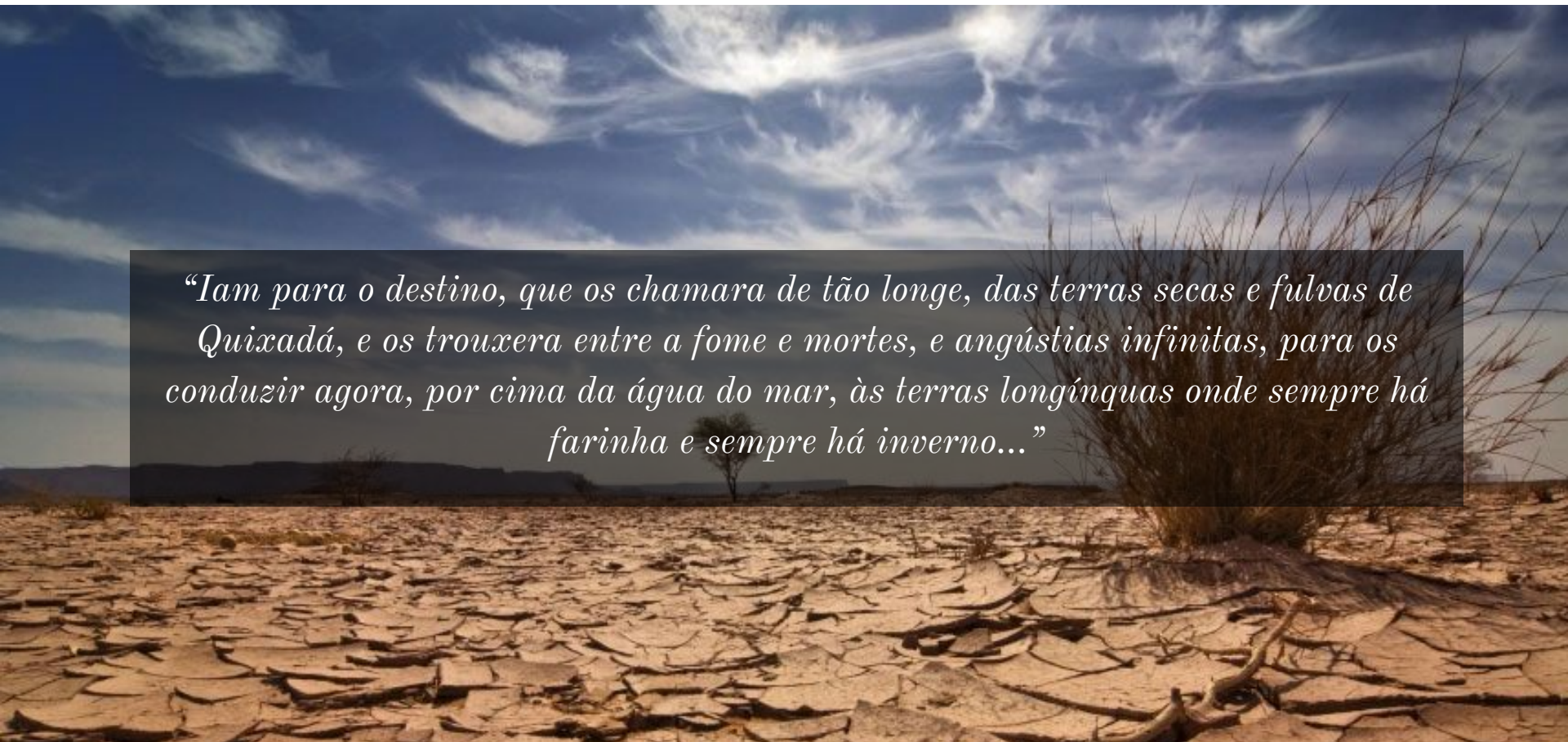
*“No céu entra quem merece / No mundo vale que tem  
Eu como tenho vergonha / Não peço nada a ninguém  
Que me parece quem pede / Ser cativo de quem tem...”*



Essa suposta ligação de Vicente com a filha de um vaqueiro é um dos motes para discutir a condição da mulher, naquela sociedade. Aliás, isso é algo que o livro faz o tempo todo. Um dos olhos da narradora estão sempre ocupado em ver a situação da mulher diante de cada episódio. Há muito mais mulheres que homens figurando nos relatos, e elas estão sempre na condição subserviente, subordinada, doméstica. A avó, inclusive, minimizando a suposta traição de Vicente, ressalta que isso era o comportamento natural do homem, e que a conduta natural da mulher seria relevar (ainda mais porque, como destaca, a moça em questão não é exatamente negra, mas mulata clara, ou seja, o fato não é tão grave, do seu ponto de vista). Ao longo da narrativa Conceição se cobra e é cobrada por seu comportamento aberrante, de não se casar, de não gerar prole. A avó-mãe a adverte especificamente: mulher solteira,

sem filho, é “um aleijão”. Ler não é comportamento digno para uma moça, a não ser que sejam os livros indicados pelo padre. Andar sozinha na cidade é indecente, a menos que se trate de uma

velha. E por aí vai o livro lembrando a condição da mulher naquela sociedade arcaica e agreste. Onde Conceição se sentia tão estrangeira quanto Rachel devia se sentir.



*“Iam para o destino, que os chamara de tão longe, das terras secas e fulvas de Quixadá, e os trouxera entre a fome e mortes, e angústias infinitas, para os conduzir agora, por cima da água do mar, às terras longínquas onde sempre há farinha e sempre há inverno...”*



*“Tudo aquilo palpitava de vida, e falava, e zunia em gritos agudos de meninos, e estralejava em gargalhadas e em gemidos, e até em cantigas. E estendendo a vista até muito longe, até aos limites do Campo de Concentração, onde os fogos luziam mais espalhados, o vaqueiro sacudiu na boca uma mancheia de farinha que lhe oferecia a mulher, e procurando quebrar entre os dedos um canto de rapadura, murmurou de certo modo consolado: —Posso muito bem morrer aqui; mas pelo menos não morro sozinho...”*

O estilo de Rachel de Queiroz é “antigo”, sem o frescor da onda modernista que em 1930 já havia agitado a cena cultural brasileira. Ela esbanja advérbios e adjetivos, usa palavras antiquadas até para os anos 1930 (“uma *teoria* de frades”, “um *lustro* de seda”, uma “maternidade *impreenchida*”, o “cabelo em *falripas*”, a cara “*escalavrada*”, as pedras “*enristadas*”), sua escrita é um tanto parnasiana, mas não é pedante. É colorida, barroca, mas tem um tom sincero e comovido. É uma narradora que não se envergonha de se apiedar dos seus personagens, e não finge neutralidade.

Por outro lado, o final é moderno e sofisticado, porque resiste à tentação comercial de colocar uma definição, um fechamento. É um livro inconcluso: os dois dramas que ele narra, o dos retirantes Bentos e o de Conceição/Vicente, terminam em aberto, como se o livro pedisse ao leitor





que concluísse por ele qual seria o desfecho esperado. Ou como se a autora quisesse destacar que seus personagens passaram por transformações, e, por isso, suas atitudes e destinos deixaram de ser previsíveis. O livro conclui as duas linhas narrativas mostrando Conceição a ver se afastarem dela os outros protagonistas; os Bentos se vão no navio da bandeira verde,

rumo ao desconhecido Eldorado paulista, e Vicente se afasta “a galope, como um fantasma, por entre o vulto sombrio dos serrotes”. Aparece, na última linha, como aquilo que sempre foi: um fantasma, uma fantasia, um fruto da imaginação, sem conteúdo real, algo que esvoaça pela vida da protagonista e se evapora.





**UM TRECHO DA OBRA...**

*“SETEMBRO já se acabara, com seu rude calor e sua aflita miséria; e outubro chegou, com São Francisco e sua procissão sem fim, composta quase toda de retirantes, que arrastavam as pernas descarnadas, os ventres imensos, os farrapos imundos, atrás do pátio rico do bispo, e da longa teoria de frades a entoarem em belas vozes a canção em louvor do santo: ... E no andor, hirto, com as mãos lavadas de roxo, os pés chagados aparecendo sob o burel, São Francisco passeou por toda a cidade, com os olhos de louça fitos no céu, sem parecer cuidar da infinita miséria que o cercava e implorava sua graça, sem nem ao menos ensaiar um gesto de bênção, porque suas mãos, onde os pregos de Nosso Senhor*

*deixaram a marca, ocupavam-se em segurar um crucifixo preto e um grande ramo de rosas. E novembro entrou, mais seco e mais miserável, afiando mais fina, talvez por ser o mês de finados, a imensa foice da morte.”*





**MAPA DE PERSONAGENS**

Adiante vai um mapa de personagens principais, com indicações de seus relacionamentos. É um guia para quem ainda vai ler o livro. Os juízos de valor acerca das personalidades deles são opiniões pessoais minhas, sinta-se livre para discordar.

Quanto à escolha de elenco, penso ser indispensável, para quem vai ler uma narrativa escrita, imaginar concretamente cada personagem: cada um deles tem que ter um rosto e uma voz. Se não, a narrativa se torna abstrata, sem corpo, e é talvez por isso que alguns dizem que não gostam de ler, ou não entendem o livro; porque não dão corpo e voz aos personagens. Quanto às escolhas dos atores para cada papel, é uma questão estritamente pessoal. Eu, particularmente, achei o Vicente uma espécie de jovem John Wayne da caatinga, e acho que o Tom Hanks daria um ótimo retirante. Afinal, um retirante não deixa de

ser um tipo de náufrago. E quanto à Olivia de Havilland no papel principal, a voz da Conceição sempre soou para mim como a da sensata Melanie Hamilton de “E o vento levou”: cordata, contida, altruísta, um pouco emocionalmente embotada, um pouco conformada.



VICENTE, fazendeiro nobre, forte, rústico



CONCEIÇÃO, filha de fazendeiro, culta, altruísta, politizada



INÁCIA, viúva de fazendeiro, bondosa, ignorante, supersticiosa



MOCINHA, retirante, vaidosa e ingênua



CORDULINA, mulher de vaqueiro, retirante, forte e dócil



CHICO BENTO, vaqueiro, retirante, forte e dócil



MAROCAS, patroa egoísta e insensível

projeto de amor nunca efetivado

avó e mãe de criação

comadre e salvadora

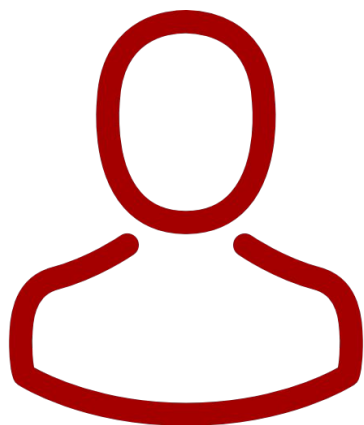
esposa

cunhada

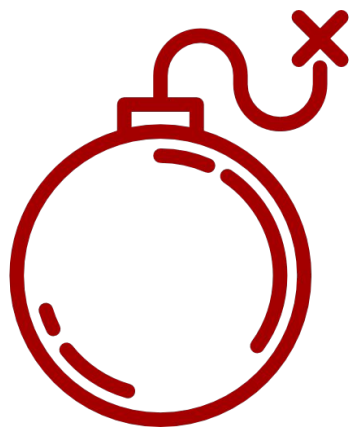
patroa



**SÍMBOLOS, TEMAS, MOTIVOS**



**PERSONAGENS AUSENTES |** Os personagens que representam o “mal” não têm rosto, não aparecem pessoalmente. São referidos, mencionados, comentados por outros personagens, mas não entram em cena. Assim acontece com Marocas, com o Governo (que “não ajuda nem a morrer”), com o dono do açude, com o atravessador que desvia as passagens e delas faz mercado negro. É como se eles não fossem dignos do olhar do leitor, ou como se fossem representados (incorporados) pela seca onipresente.



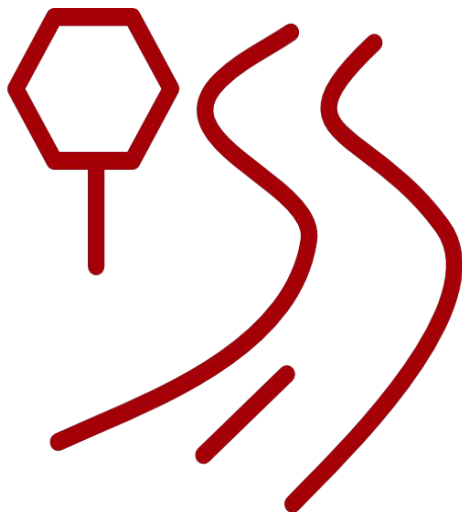
**EVENTO DESESTABILIZADOR |** A seca funciona como um evento anormal e destabilizante que se torna estopim do enredo, como acontece frequentemente na literatura e no cinema (lembre-se de todos os filmes de guerra, catástrofes e invasão alienígena/zumbi que já viu). Esses eventos servem para tirar os personagens da rotina



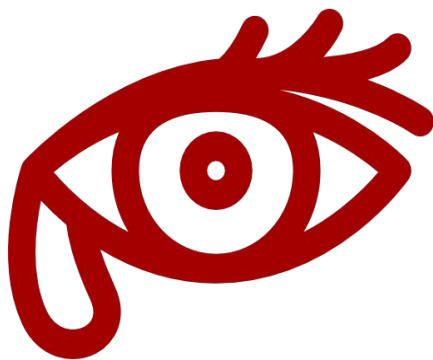
cotidiana, e forçá-los a se desmascararem. Fora da normalidade do cotidiano, o personagem tem de mostrar quem realmente é, porque a situação anormal não permite representar o papel costumeiro de civilizado, comportado, acomodado. O personagem, diante da calamidade inesperada, “sai do personagem” e se torna ele mesmo.



**O HERÓI É UM FANTASMA |** O bom patrão, honesto, corajoso, solidário, o rico que poderia entrar no reino dos céus, é apresentado como um ideal inatingível. Por isso é que não pode ser o amor da protagonista, e por isso é que ele sai de cena cavalgando rumo ao crepúsculo “como um fantasma” na cena final. Ele, a rigor, não existe. É um projeto ou um sonho.



**A VIAGEM** | O tema da viagem é dos mais frequentes na ficção (lembra da Odisseia? E de todos os *road movies* célebres?). A viagem é sempre uma óbvia metáfora da vida como jornada, como um ir de um ponto a outro. Por isso os retirantes viajam, ao longo do livro, de um curral ao outro, primeiro; depois de percorrer o caminho seco, seguem para o caminho sobre as águas, simbolizando o fim de um ciclo e o começo de outro.



**O OLHAR ESTRANGEIRO** | Conceição é tão diferente dos demais personagens que serve como um recurso frequente na literatura: o olhar alienígena. A introdução de uma testemunha de fora permite realçar o grotesco, o pitoresco, o trágico, e tudo aquilo que quem é do lugar não enxerga, porque vê todo dia. Ninguém enxerga o que é óbvio. Por isso o autor introduz um alienígena para revelar o óbvio ignorado.



**A DUPLA IMPROVÁVEL** | Dom Quixote não teria metade da grandeza se se aventurasse sozinho, sem a companhia do seu Sancho. Que graça teria o Gordo sem o Magro? Pense em todas as duplas malucas, incongruentes, formadas por personagens notoriamente diversos, antagônicos, que você viu no cinema ou nos livros. A dupla improvável é um recurso estilístico muito tradicional e eficiente. Serve para realçar as características, a personalidade e o modo de pensar de um protagonista, ao contrastá-lo permanentemente com outro, que lhe serve de negativo ou de termo de comparação. Aqui, isso acontece: Conceição aparece quase sempre contracenando com a avó-mãe Inácia. Que é o seu oposto: é a mulher antiga, supersticiosa, conformada, submissa, ignorante, matriarca. Atuando sempre na presença e contraponto desse modelo arcaico, do qual quer se diferenciar, Conceição torna-se um personagem mais legível, mais inteligível.



**CRÉDITOS DAS IMAGENS**

## créditos das imagens:

Slide 1 (capa): ilustração de um dos grandes artistas brasileiros, Shiko, para a adaptação de “O Quinze” para a Coleção de Clássicos em HQ da Editora Ática ([aqui](#)). Shiko pode ser encontrado no [Facebook](#), na [Wikipedia](#) e no [Flickr](#).

Slide 2: Shiko, idem.

Slides 3, 4, 5, 12, 14, 20: [aqui](#).

Slide 6: foto de um jornal da época mostrando pai e filho retirantes, [aqui](#).

Slides 14 e 19, [aqui](#).

Slides 8, e todas as demais reproduções de pinturas nesta resenha, são do genial [Cândido Portinari](#).

Slides 7, 9, 16, 17, 21: [aqui](#).

Slide 10, [aqui](#).

Slide 18, [aqui](#).

Slides 10, 11, 18 e 23: Evandro Teixeira, [aqui](#).

As demais são imagens de domínio público disponíveis na internet.

Os ícones dos slides 32 em diante são de: [Greg Cesnar](#), [Freepik](#), [MadebyOliver](#), [Retinalcons](#),



Este material é publicado nos termos da licença [Creative Commons CC-BY-SA 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/)

última atualização: 4 junho 2017



ALBERTOSANTOS.ORG 